

AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Maria Mikaele da Silva Cavalcante¹

Emanuela Ferreira Matias²

Ana Priscila Penha²

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões sobre as contribuições das teorias de Paulo Freire para a formação do Educador. Trata-se de uma discussão decorrente da disciplina Educação Popular, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Para o alcance do objetivo da investigação utilizamos como aporte metodológico uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, onde utilizamos como referência teórica o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. A questão norteadora desse artigo pode ser descrita da seguinte maneira: Quais as contribuições da obra *Pedagogia do Oprimido* para a formação do educador? Freire, através dos seus escritos e experiência de vida, deixou para a área educacional inúmeras contribuições que não são possíveis apresentarmos todas no presente trabalho. No entanto, é essencial destacarmos a teoria da educação como ação libertadora, referência fundada na práxis em que educador e educando aprendem e ensinam ao mesmo tempo, em processo dinâmico e de construção constante de novos conhecimentos. As ideias e as teorias freireanas, enriquecem a sala de aula, a vida das pessoas, a atividade crítica da classe trabalhadora, por serem teorias que versam sobre a formação humana. Nessa direção entendemos ser o pensamento político-pedagógico de Paulo Freire formador de consciência política, destacamos, portanto, essa intensa e rica obra, intitulada *Pedagogia do Oprimido*.

Palavras-Chaves: Educação, Conscientização, Formação humana, Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se configura como fruto de avaliação da disciplina Educação Popular. O objetivo do artigo é estudar e delimitar as contribuições das teorias de Paulo Freire para a formação do educador. Para o alcance dos objetivos mencionados, utilizamos como aporte metodológico uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, como referência teórica o livro *Pedagogia do Oprimido* (2013) do autor antes anunciado.

Paulo Freire (1921 - 1997) nascido em Recife de família de classe média perdeu o pai aos 13 anos de idade. Nesse período, quando o mundo passava por momentos de crise econômica (1929), a sua família também começou a enfrentar dificuldades. Formou-se em direito, mas se encaminhou para o magistério, se dedicando a cultura e a linguagem.

No ano de 1963 em Angicos (RN), esteve a frente de um Programa que alfabetizou 300 trabalhadores rurais em um mês. Dois anos depois, o Brasil, por sua vez, enfrentava a ditadura militar que durou de 1964 a 1985, período em que se teve “[...] milhares e milhares de mortos, desaparecidos, torturados, perseguidos, sequestrados, banidos e exilados. Uma vez rotuladas como

¹ Graduanda em Pedagogia; Universidade Estadual do Ceará - UECE.

² Graduanda em Pedagogia; Universidade Estadual do Ceará- UECE

² Graduanda em Pedagogia; Universidade Estadual do Ceará – UECE.

comunistas ou subversivas as pessoas entravam imediatamente naquela zona de indistinção na qual não existem direitos ou garantias.” (Silva Filho, 2008, p. 155).

Paulo Freire passou 70 dias na prisão antes de ser exilado, e só retornou ao Brasil em 1979, nesse período em que esteve longe do Brasil, proibido pelos militares de retornar ao país, ministrou aulas nos Estados Unidos e na Suíça, desenvolveu e aplicou planos de alfabetização de jovens e adultos em países africanos, por exemplo, Angola, Guiné e Moçambique. Com sua vida dedicada à educação ficou conhecido mundialmente por suas obras de alcance internacional por se tratar de temáticas que versam sobre a vida e a luta dos oprimidos, os deserdados do saber.

Suas obras foram traduzidas para mais de 20 países e a mais conhecida delas, foi escrita no Chile em 1968, intitulada *Pedagogia do Oprimido*³, objeto de estudo desse artigo.

As contribuições de referido autor para a educação são inúmeras, tanto que a Lei nº 12.612 de 13 de abril de 2012 decretou que fosse reconhecido como patrono da educação brasileira, reflexo de anos de dedicação e compromisso com a alfabetização e a educação da população pobre.

Diante do exposto, o presente estudo busca responder: Quais as contribuições da obra *pedagogia do oprimido* para a formação do educador?

Para melhor realçar essa discussão apresentamos o texto em tópicos, a saber: Justificativa da pedagogia do oprimido, a concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão, seus pressupostos, sua crítica, a dialogicidade essência da educação como prática da liberdade, a teoria da ação antidialógica, a dialogicidade e práxis revolucionária.

2. JUSTIFICATIVA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Discorrer sobre os “oprimidos e opressores” em uma sociedade de classes, imersa nas desigualdades e injustiças, é tarefa simples e complexa, ao mesmo tempo. A afirmação que é uma ação simples decorre do fato de sentirmos e vivenciarmos na pele diariamente os reflexos disso:

Quem melhor que o oprimido, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento de lutar por ela. (Freire, 2013, p. 42)

Somente estando cientes da realidade em que vivemos, das atrocidades em que o sistema capitalista é capaz de fazer para dá continuidade a sua lógica, na qual privilegia uns em detrimento do trabalho e exploração da maioria, somente nos tornando seres críticos seremos capazes de lutarmos, e quiçá, transformarmos nossa realidade, a esperança é o que nos move. Esse é o desafio, uma ação complexa de se realizar!

Nesse sentido, o Livro *Pedagogia do Oprimido* busca a restauração da intersubjetividade do homem e alerta que a Pedagogia “humana e não humanitarista pode alcançar esse objetivo” (Freire, 2013, p. 56). Mas essa não é uma tarefa simples, e por isso, Freire questiona: Se para a efetivação dessa prática de educação é necessário ter poder político (coisa que os oprimidos não têm), então é possível a pedagogia do oprimido antes da revolução? “Um primeiro aspecto dessa indagação se encontra na distinção entre educação sistemática, a que pode ser mudada com o poder, e os trabalhos educativos, que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização”. (Freire, 2013, p. 56)

Assim, a pedagogia humanista e libertadora assume dois momentos distintos. O primeiro, os oprimidos vão descobrindo o mundo, e nessa descoberta vão se comprometendo com sua práxis e transformação. Já o segundo momento, no qual a realidade é transformada e a pedagogia passa a ser um processo contínuo e permanente de libertação. Mas esse não é um caminho fácil, pois é necessário que “educador e educandos (liderança e massas), convem revolucionários à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento”. (Freire, 2013, p. 78).

2.1 A concepção «bancária» da educação como instrumento da opressão.

A educação bancária é conceituada como aquela em que apenas o docente é detentor do conhecimento e cabe ao educando apenas escutar. A educação ocorre de forma horizontal, de baixo pra cima.

Na visão “bancária” da educação, o “o saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (Freire, 2013, p.81).

Freire apresenta algumas características objetivando melhor compreendermos a educação bancária:

a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem. c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados. d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os disciplinados. e) o educador o que disciplina; os educandos, os disciplinados. f) o educador é o que opta e prescreve sua posição; os educandos os que seguem sua prescrição. g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador. h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele. i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele. j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (Freire, 2013, p. 83).

Na educação bancária, o professor é o centro do processo, sendo dono do saber, numa relação de sujeito-objeto, onde não há uso do diálogo. Não existe uma interação entre os educandos, mas uma imposição de normas e conhecimentos. Os conhecimentos, por sua vez, são transmitidos e não construídos, é algo pronto. E cabe ao educando, o papel de apenas aceitar, sem hesitar ou questionar.

Em contraposição a esse tipo de educação, Freire defende uma educação Libertadora que, deve ser exercida numa relação horizontal com o aluno, em um contínuo diálogo, tendo sempre algo para acrescentar e contribuir no processo ensino-aprendizagem, não concebendo o aluno como uma "tábula rasa".

Não ter sensibilidade para compreender as dificuldades e necessidades, dificulta o processo de aprendizagem, e para ter dimensão dessas questões é necessário fazer uso do diálogo com o intuito de interagir com os educandos, descobrir os seus anseios, expectativas e necessidades. Para tanto, é necessário que o educador “desça do pedestal” em que se encontra e possa compreender que a educação é um processo mútuo de aprendizagem, onde ambas as partes estão sempre aprendendo, construindo e desconstruindo seus saberes. Freire destaca,

Por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importam os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros. (Freire, 2013, p. 104)

O próximo tópico contribuirá para compreensão da dialogicidade como essência de uma prática de educação realmente libertadora, capaz de grandes transformações.

2.2 A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade e a teoria da ação antidialógica

Para Freire o homem se faz na ação, no trabalho, na palavra. Sendo essa, condição *sine qua non* para a nossa existência, sendo caracterizada como encontro dos homens “mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 2013, p. 199).

Freire defende um ensino fundamentado na realização do ensino e da pesquisa, como ação conjunta e indissociável, na práxis filosófica. Pois ao suscitar inquietações, dúvidas e perguntas, o educando estará desenvolvendo suas próprias concepções, autonomia e criticidade. Esse novo ensinar deve ser realizado, contudo, em diálogo com o docente, numa relação de horizontalidade.

De acordo com o autor de *Pedagogia do Oprimido*, o diálogo tem como fundamento o amor. Freire adverte que assim “como ato de valentia não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação; senão, gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor”.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos -, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (Freire, 2013, p. 116).

Dessa maneira, o diálogo se inscreve como elemento imprescindível para uma educação humanizadora, pois essa relação entre os sujeitos, a troca de experiências e conhecimentos adquiridos são fundamentais para a criação de uma consciência.

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboraram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores. (Freire, 2013, p. 142).

A educação proposta por Freire é alicerçada no diálogo, e portanto, deve haver rupturas dos docentes quanto à concepção de que ensinar é um ato de transmissão de conhecimento. Para o autor em tela deve-se partir das experiências dos alunos, de modo que, o que está sendo estudando em sala de aula, faça sentido para a vida dos educandos. Se a educação assumir uma posição inversa as intenção do diálogo, existe a ação antidialógica, “uma opressora e outra revolucionário-libertadora”. (Freire, 2013, p. 186).

2.3 Dialogicidade como práxis revolucionária.

O Dialogo é o encontro dos homens mediatizado pelo mundo, Segundo Freire não há palavra verdadeira que não seja práxis, enquanto ato de criação que procura a conquista do mundo para a libertação dos homens. Para Paulo Freire em suas obras e principalmente em *Pedagogia do Oprimido* é uma exigência fundamental e existencial e antagônico ao desejo do dominador que é de negar a palavra aos oprimidos, “*para dominar, o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, pensar certo*” (Freire, 2013, p. 147).

A dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade, sem o diálogo não podemos empoderar os oprimidos. “É através da palavra, que os homens criam conscientização de mundo “o diálogo, como encontro dos homens para a pronúncia” do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização”. (Freire, 2013, p. 160). Só há diálogo com um profundo amor ao mundo e aos homens, com humildade sincera e mediante a fé no poder de criar do homem, portanto o ato de criar e recriar dos homens é ação de uma prática revolucionária. Para tanto o diálogo faz-se numa relação horizontal baseada na confiança entre os sujeitos e na esperança transformada na concretização de uma procura eterna fundamentada no pensamento crítico.

Os conteúdos centram-se numa ação organizada, sistematizada e acrescentado com elementos das experiências do povo, serve também para conhecer a realidade dos educando. Pois considera que o conteúdo é para ser vivido e não apenas jogados, articulando-se sempre com a teoria. A educação autêntica, nas palavras do autor, faz-se de A com B, mediatizados pelo mundo

(Freire, 2013, p. 98), incidindo a sua ação na realidade a ser transformada com os homens, conhecendo as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo dialeticamente se constituem. Como aponta Braga (2015) que segundo Saul (1990) o currículo é parte de ação politizada.

Segundo Saul (1990) os elementos do currículo concretizam certa opção ideológicas. Numa visão de currículo em que os/as estudantes são percebidos/ as como pessoas que estão se escolarizando e, ao mesmo tempo, em constituição da sua cidadania, a escola ganha centralidade no projeto político da cidade. A educação, assim praticada, é formadora de uma cultura politizada. (BRAGA, 2015,p. 75)

O diálogo com os oprimidos é fundamental para a libertação que implica na transformação das realidades sociais dos oprimidos. O importante para educação libertadora e não bancária fundamentalmente é fazer dos homens sujeitos, com seu pensar suas visões de mundo, pois homens são comunicação e diálogo enquanto análise crítico-reflexiva sobre a realidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão retomamos a nossa indagação central posta no início desse estudo: “Quais as contribuições da pedagogia do oprimido para a formação do educador?”.

Paulo Freire, com toda a sua humildade e maestria, deixou inúmeras contribuições para a formação de educadores e para área educacional como um todo, na qual ele sempre acreditou e defendeu. O autor, em seus escritos se mostra ciente das dificuldades enfrentadas em decorrência do sistema em que vivemos, o capitalismo. Mesmo assim, aponta a necessidade das rupturas, do homem se reconhecer como parte do mundo e interagir como tal. O teórico em discussão defende a realização do ensino e da pesquisa, como ação conjunta e indissociável, pois segundo ele “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino contínuo buscando, repercurando” (Freire, 1996, p.29).

A sua teoria a favor de uma educação libertadora/emancipadora, nos sinaliza que é hora de mudar as práticas tradicionais, onde o educador detém o conhecimento e acredita que cabe a ele transmitir para os educandos, não devendo existir uma troca de conhecimentos e saberes. O resultado desse tipo de educação é um complexo de complexo: pessoas alienadas, que não conseguem ter dimensão da totalidade e acabam se conformando com tudo que é posto.

A educação libertadora, por sua vez, se apresenta como contribuinte para o exercício da criticidade, problematização, democratização e conscientização de educadores e educandos num processo de procura incessante da construção de novos conhecimentos.

A obra *Pedagogia do Oprimido* nos faz refletir sobre a prática, sinalizando o caminho pelo qual devemos caminhar. Para além de todos os tópicos debatidos nesse texto, Freire em suas diversas obras escreve sobre a importância da compreensão da realidade, sob uma perspectiva

sensível e crítica, com o objetivo de promover mudanças significativas no mundo real, pois segundo ao autor: "*se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda*".

O conhecimento letrado deve ser tanto para os adultos, jovens, crianças, idosos. Precisamos encontrar caminhos para fazer acontecer com total inteireza à educação libertadora, Precisamos de mais Paulo Freire em nosso cotidiano. Principalmente nesse momento atual que estamos vivendo cada vez mais o produtivíssimo exacerbado, em que os educadores estão presos a planejamentos, avaliações nacionais. Ainda assim com o sistema de opressão capitalista instalado podemos e devemos interferir nesse processo e rompermos com essas estruturas educacionais impostas pelos governos comandados pela lógica mercantilista do capital e fazermos acontecer atividades políticas emancipatórias.

Diante do exposto, fica o desejo de que a educação seja a nossa arma de luta contra as mazelas sociais que afligem a nossa sociedade, e que com ela possamos, dia após dia, reacendermos a esperança por dias melhores! Por uma vida feliz, livre das amarras da escravidão e do capital!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 54° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do Entendimento Humano.** 3ª ed. Vol. 2 ed. Gulbenkian, 1690.

SILVA FILHO, J. C. M.; **O anjo da história e a memória das vítimas: o caso da ditadura militar no Brasil.** *Revista de Filosofia da PUCRS*, Rio Grande do Sul, v.53, Nº 2, p. 1 – 29, 2008.

BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho, **Prática pedagógica docente-discente: traços da pedagogia Paulo Freire na Sala de aula.** Recife: Editora UFPE, 2016.

